



Mercado Ético
sua plataforma global para sustentabilidade

Policy International
Centre for Inclusive Growth



JORNALISMO INVESTIGATIVO: QUESTÕES PARA UM DEBATE SUL-SUL

*Investigative journalism:
Issues for a South-South Debate*

ÍNDICE:

- i – Apresentação
- ii – **Informação, Democracia e Desenvolvimento Social**
- iii – Diferentes Censuras: Política, Financeira, Econômica e Geográfica
- iv – Corrupção, Mídia e Mercado
- v – **Perspectivas para a Cooperação Internacional**
- vi – O Seminário Internacional sobre Jornalismo Investigativo: Um Diálogo Sul-Sul
Organizadores
Agenda
“Se é jornalismo, tem que ser investigativo”

Esta publicação foi produzida pelo Mercado Ético com suporte do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo do PNUD (IPC-IG) a partir de conclusões e recomendações do Seminário Internacional sobre Jornalismo Investigativo: Um Diálogo Sul-Sul. Este evento foi organizado pela Embaixada da Suíça em Brasília, Procuradoria Geral da República (PGR), Fundação Konrad Adenauer, IPC-IG e Mercado Ético. As opiniões expressas nesta publicação são dos autores e participantes do seminário e não coincidem necessariamente com as do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e as instituições organizadoras.

Autora principal: Letícia Freire
Produção e design: Libio Matni
Fotos e ilustrações: IPC-IG, Campanha Mundial de Fotografia Humanizando o Desenvolvimento
Contato: contact.service@ipc-undp.org

Table of Contents:

- i - Introduction
- ii - **Information, Democracy and Social Development**
- iii - Different types of Censorships: Political, Financial, Economic and Geographical
- iv - Corruption, Media & Markets
- v - **Prospects for International Cooperation**
- vi - The International Seminar on Investigative Journalism: A South-South Dialogue
Organizers
Agenda
“If it is journalism, it must be investigative”

This publication was produced by Mercado Ético / Ethical Markets with support from the UNDP International Policy Centre for Inclusive Growth (IPC-IG) based on the findings and recommendations of the International Workshop on Investigative Journalism: A South-South Dialogue. This event was organized by the Embassy of Switzerland in Brasilia, the Attorney's General Office (PGR), the Konrad Adenauer Foundation, IPC-IG and Mercado Ético. The views expressed in this publication are those of the authors and workshop participants and not necessarily those of the United Nations Development Programme (UNDP) and the organizing institutions.

*Chief author: Letícia Freire
Production and design: Libio Matni
Photos and illustrations: IPC-IG, Humanizing Development Global Photography Campaign
Contact: contact.service@ipc-undp.org*



JORNALISMO INVESTIGATIVO: QUESTÕES PARA UM DEBATE SUL-SUL

“A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça”.

Ruy Barbosa



Mas, poderíamos perguntar: o que acontece com a nação quando seus ‘olhos’, como diria Ruy Barbosa, estão doentes, fragilizados ou mesmo míopes? De qualquer forma, como identificar? Quais os impactos desta situação para o desenvolvimento da sociedade? Como melhorá-la?

Uma das maneiras é aferir o desempenho e vigor do jornalismo investigativo, isto é, da existência e valoração de trabalhos que revelem apuração minuciosa dos fatos; paciência, talento e responsabilidade na coleta de dados e seu encadeamento; respeito ao leitor/espectador na forma de precisão das informações.

A produção de textos deste nível não é fácil; os desafios enfrentados pelo profissional empenhado são de várias ordens. Jornalistas enfrentam uma série de ameaças e riscos no seu dia-a-dia. Notícias sobre jornalistas presos, torturados e até mortos devido ao seu trabalho de investigação não são incomuns. A autocensura de jornalistas e dos veículos de mídia muitas vezes representa uma outra realidade cruel, pois impede a liberdade de informação na

sociedade e impede os cidadãos de ter acesso à informação relevante e necessária para fazerem suas escolhas e construir uma vida melhor. Isso dificulta a consolidação das instituições democráticas e ameaça a democracia.

Como consequência, questões sensíveis, tais como corrupção, falhas na gestão pública, violência, pobreza e exclusão social não são adequadamente cobertas pela mídia em muitos contextos. Uma cobertura precisa e responsável dos desafios enfrentados pelos grupos vulneráveis da população é difícil em nosso mundo em desenvolvimento. As políticas sociais que têm um papel significativo na melhoria do bem-estar

do povo, por exemplo, muitas vezes não recebem a cobertura adequada pelos veículos de mídia.

Estas e outras questões foram discutidas durante o Seminário Internacional sobre Jornalismo Investigativo: Um Diálogo Sul-Sul, que foi realizado em 22 de novembro de 2010 em São Paulo, sob a coordenação do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (CIP-CI) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da Embaixada da Suíça no Brasil, a Procuradoria-Geral da República, a Fundação Konrad Adenauer, e o Mercado Ético.

Jornalistas, especialistas, acadêmicos e formadores de opinião da África do Sul, Brasil, Índia, México, Suíça e Qatar, bem como representantes das Nações Unidas e da sociedade civil, participaram do debate em torno de questões de interesse comum na promoção do jornalismo investigativo.

O seminário foi uma oportunidade para uma análise crítica e construtiva das estruturas de governança necessárias para garantir a liberdade de expressão e garantir a proteção legal dos jornalistas fazendo um trabalho de investigação. O evento defendeu o reforço do papel e uma responsabilidade maior do

jornalismo investigativo na sociedade e debateu medidas práticas e intervenções políticas necessárias para o reforço da sua contribuição para o desenvolvimento humano.

Este documento busca trazer ao público uma reflexão sobre os principais questionamentos e recomendações discutidas durante o seminário. Ele apresenta subsídios a uma agenda de colaboração entre os diversos países participantes e as Nações Unidas para o aperfeiçoamento do jornalismo investigativo e suas contribuições para o bem-estar dos povos.



Investigative journalism: Issues for a South-South Debate

“The press is the eyes of the Nation. Through it the Nation follows what is being done against her, closely and at a distance; sees the evil deed against her; trespasses what is hidden, or plotted against her; seizes what is concealed, or stolen from her; is aware of where she is shot, or dishonoured; measures what is swepted or destroyed; cares for what interests her; and protects herself from threats against her.”

Ruy Barbosa

But one might ask: What happens to the Nation when its ‘eyes’, as described by Ruy Barbosa, are ill, frail or even shortsighted? Anyway, how can it be identified? What is the impact of this situation for the development of the society? How to improve this?

One way is to assess the performance and role of investigative journalism, that is, the existence and the quality of information products that reveal the verifiability of the facts; patience, skill and responsibility in collecting data; respect to the reader / viewer in the form of the accuracy of information.

The production of texts at this level is not easy; the challenges faced by professionals are from various orders. Journalists face a number of threats and risks in their day-to-day work. News about journalists being arrested, tortured and even killed due to their investigative work are not uncommon. Self-censorship of journalists and media vehicles often represents another cruel reality as it impedes the freedom of information in a society and deters the citizens from accessing relevant and necessary information for making their choices and building better lives. It hampers the consolidation of democratic institutions and poses a threat to democracy itself.

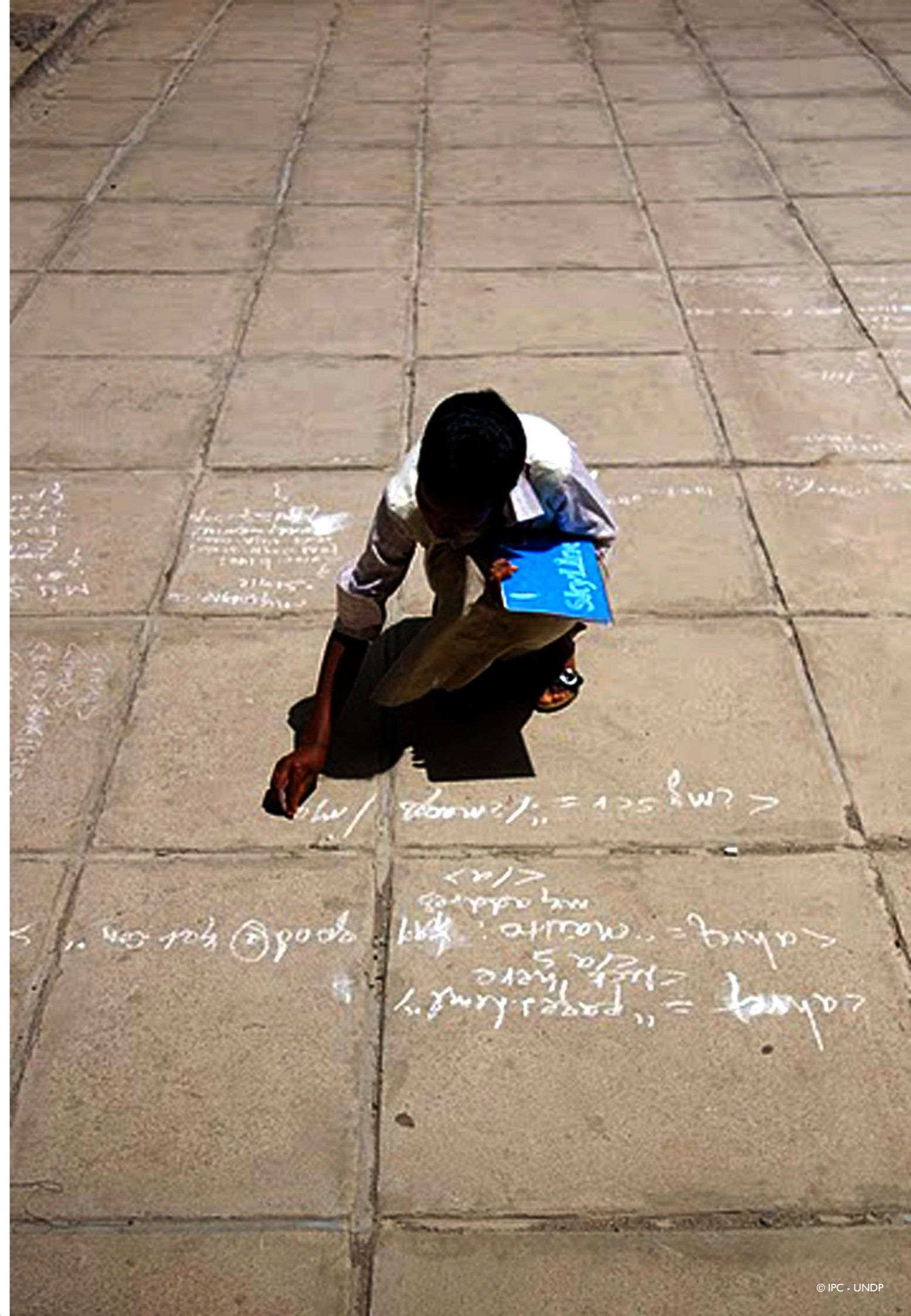
As a result of the above, sensitive issues, such as corruption, public management failures, violence, poverty and social exclusion are not adequately covered by the media in many contexts.

An accurate and responsible coverage of the challenges faced by vulnerable population groups is difficult in our developing world. For example, social policies that are playing a significant role in improving people’s well-being do not often receive the adequate reporting by media vehicles.

These and other issues were discussed during the International Workshop on Investigative Journalism: A South-South Dialogue, which was held on 22 November 2010 in São Paulo, under the auspices of the International Policy Centre for Inclusive Growth (IPC-IG) of the United Nations Development Programme (UNDP), the Embassy of Switzerland in Brazil, the Attorney General’s Office, the Konrad Adenauer Foundation and Ethical Markets/Mercado Ético.

Journalists, experts, researchers and public intellectuals from South Africa, Brazil, India, Mexico, Switzerland and Qatar, as well as UN representatives and civil society activists participated in the debate around issues of common interest in promoting investigative journalism. The workshop represented an opportunity for a critical and constructive analysis of the governance structures necessary to ensure freedom of expression and guarantee the legal protection of journalists doing investigative work. The event advocated for an enhanced role and greater responsibility of investigative journalism in the society and discussed practical measures and policy interventions needed to strengthen its contribution to human development.

This document seeks to bring the audience a reflection on key questions and recommendations discussed during the workshop. It provides insights to an agenda of cooperation between the various participating countries and the United Nations for the improvement of investigative journalism and its contributions to the welfare of our peoples.





© IPC - UNDP

INFORMAÇÃO, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O amplo acesso à telefonia móvel, da portabilidade dos sistemas de radiodifusão via satélite, do crescimento das plataformas de publicação, da popularidade dos canais de notícias transmitindo 24 horas, das notícias em tempo (quase) real, facilitou a vida dos jornalistas. Entretanto, trata-se de uma

faca de dois gumes, como nos lembra o Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ), que publicou o relatório Ataques à Imprensa em 2010. “A mesma tecnologia que tornou a vida dos jornalistas bem mais fácil também criou um problema para os que querem controlar o fluxo de informações”, comenta Riz Khan, apresentador do programa “Riz Khan”

e “Riz Khan One on One” na rede de notícias Al Jazeera, no prefácio do documento.

Segundo Khan, a intimidação está se tornando cada vez mais o instrumento preferido dos que querem impedir a divulgação de determinada informação. A tática é quase sempre a mesma,

amedrontar jornalistas para que não investiguem notícias ou deixar que percebam que a interferência deles não é bem vinda. “Alguns cadáveres pelo caminho também ajudam. Talvez em nenhum lugar isso seja mais evidente do que no México, onde a matança decorrente das drogas afeta milhares de vidas, incluindo as vidas de muitos

jornalistas. Para atingir o objetivo, as gangues despejam corpos decapitados e mutilados na beira de estradas. Quando não é suficiente, metralhar as instalações dos meios de comunicação acrescenta um pouco mais de ênfase”, conclui o jornalista.

Os dados do Relatório falam por si: 105 jornalistas assassinados em 33 países – ou seja, a triste estatística de cerca de 2 profissionais mortos por semana em 2010. Em que pese a guerra e os conflitos no Oriente Médio, a América Latina é lugar mais perigoso para um jornalista. De acordo com o levantamento, no continente foram mortos 35 jornalistas durante o ano. Ainda segundo o recente relatório, nos últimos cinco anos, 529 profissionais de imprensa foram vítimas de violência em decorrência do trabalho. Em relação ao Brasil, o Reporters Without Borders chama a atenção para o fato de que 10 jornalistas foram mortos no país nos últimos 8 anos.

Diante das informações fica claro que, em várias partes do mundo, as

ações do governo parecem incapazes de garantir a base jurídica necessária para se proteger jornalistas. Estruturas de governança tendem a ameaçar a liberdade de expressão quando não há coordenação adequada entre os Poderes Judiciário, Executivo e Legislativo. Nesse cenário é inevitável perguntar: qual o papel, as responsabilidades, os desafios e os caminhos para um jornalismo investigativo de qualidade?

Se, por um lado, temas sensíveis como corrupção política, falhas na gestão pública, degradação ambiental, violência contra minorias, pobreza e exclusão social oferecem risco de morte real aos profissionais que neles se empenham; por outro lado, a investigação destes mesmos temas é fundamental para a qualidade de vida da sociedade como um todo.

“Uma imprensa livre, responsável, tem muita capacidade de enriquecer o debate nacional e os debates setoriais, de apontar problemas e boas práticas”, afirmou o coordenador-

residente da Organização das Nações Unidas (ONU) e representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil, Jorge Chediek, um dos participantes da mesa de abertura do seminário.

Chediek fez menção ao conceito adotado por teóricos como Amartya Sen, segundo o qual o desenvolvimento é mais do que crescimento econômico ou ganhos materiais – ele está ligado à liberdade das pessoas. Sob esse ponto de vista, desenvolvimento, democracia e liberdade de imprensa estão intimamente relacionados.

Uma das observações feitas pelo economista indiano em seu livro mais famoso, *Desenvolvimento como Liberdade*, pontuou diversos momentos do discurso de Chediek: “Nunca uma fome coletiva se materializou em um país que fosse independente, que tivesse eleições regulares, partidos de oposição para expressar críticas e que permitisse aos jornais noticiar livremente e questionar a sabedoria das políticas governamentais sem ampla

censura”.

“Há uma clara ligação entre jornalismo e democracia, e também entre jornalismo e desenvolvimento”, ecoou Patrice Schneider, do Media Development Loan Fund. Ele citou também um estudo do Banco Mundial segundo o qual a transparência e a prestação de contas favorecem o crescimento econômico.

“O jornalismo investigativo é fundamental para uma sociedade mais transparente”, complementou a chefe da Procuradoria Regional da República na 3ª Região, Luiza Frischeisen, também presente na mesa inicial de debates. Ela destacou que jornalismo investigativo não está ligado apenas à apuração de casos de corrupção, mas também de crimes contra mulheres, crianças, homossexuais e grupos vulneráveis, contra o meio ambiente e grupos econômicos. “Mas essa liberdade tem como contrapartida a responsabilidade pelo que se está publicando, o que não quer dizer censura”.

Information, democracy and social development

Widespread access to mobile telephony, the portability of satellite broadcasting systems, the growth of publishing platforms, the popularity of news channels broadcasting 24 hours every day is making life easier for journalists. However, this is a double-edged sword, as reminded by the Committee to Protect Journalists (CPJ), which launched the report *Attacks on the Press in 2010*. “The same technology that has made life easier for journalists has also created a problem for those who want to control the flow of information,” said Riz Khan, host of “Riz Khan Show” and “Riz Khan One on One” on Al Jazeera in the preface of the document.

According to Khan intimidation is increasingly becoming the preferred tool for those who want to prevent the disclosure of certain information. The tactic is almost always the same: intimidate journalists so they do not disclose their stories or make them realize that their interference is not welcome. “Some corpses along the way are helpful as well. Perhaps nowhere else is this more evident than in Mexico, where drug-related killings affect thousands of lives including the lives of many journalists. To achieve such a goal, gangs dump mutilated and beheaded bodies at roadsides. When that is not enough, strafing the facilities of the media vehicles adds an additional emphasis”, argues the journalist.

The data in the report speak for themselves: 105 journalists killed in 33 countries - that is, the sad figures of around 2 deaths per week in 2010. Despite the wars and conflicts in the Middle East, Latin America is the most dangerous place for journalists. According to the survey, 35 journalists were killed in the continent during the year. This recent report also shows that 529 journalists were victims of violence due to their work in the last five years. In Brazil *Reporters Without Borders* shows that 10 journalists were killed while performing their duties in the country in the last 8 years.

Given the information above it is clear that in many parts of the world, government actions appear to fail to ensure the necessary legal framework to protect journalists. Governance structures tend to threaten freedom of expression if adequate policy coordination between the Judiciary, Executive and Legislative branches is lacking. In this scenario an inevitable question arises: What are the responsibilities, challenges and paths to an adequate investigative journalism?

If, on the one hand, sensitive issues such as political corruption, failures in governance, environmental degradation, violence against minorities, poverty and social exclusion offer real risk of death to the professionals engaged in covering them; on the other hand, investigating these same issues is crucial to the

quality of life of the society as a whole.

“A free and responsible press is very capable of enriching the national debate, pointing out problems and best practices,” said the resident coordinator of the United Nations (UN) and representative of the United Nations Development Programme (UNDP) in Brazil, Jorge Chediek, one of the speakers at the workshop’s opening session.

Chediek mentioned the concept adopted by scholars such as Amartya Sen, according to whom development is more than economic growth or material gains – it is linked to people’s freedom. Under this view, development, democracy and press freedom are intimately related.

One of the observations made by the Indian economist in his most famous book, *Development as Freedom*, was repeatedly pointed out in Chediek’s speech: “Famine was never materialized in a country that was independent, which had regular elections, opposition parties to voice criticism and that would allow newspapers to report freely and question the wisdom of government policies without extensive censorship”.

“There is a clear link between journalism and democracy, and also between journalism and development,” echoed Patrice Schneider of the Media Development Loan Fund. He also

mentioned a study by the World Bank whereby transparency and accountability promote economic growth.

“Investigative journalism is fundamental to a more transparent society”, added the head of the Attorney’s General Office at the 3rd Region, Luiza Frischeisen, also present at the opening session. She noted that investigative journalism is not just connected to the investigation of corruption cases, but also crimes against women, children, homosexuals and vulnerable groups, against the environment and economic groups.



“But this freedom is counterbalanced by the responsibility of what is being published, which does not mean censorship.”

DIFERENTES CENSURAS: POLÍTICA, FINANCEIRA, ECONÔMICA E GEOGRÁFICA

A questão da censura à imprensa e sua contrapartida, a liberdade de imprensa, é bastante sensível. Como sublinharam alguns palestrantes, a censura não se relaciona unicamente à ação (ou reação) governamental. Os anunciantes, a própria empresa de comunicação e lobbies de diversos tipos também podem significar - e muitas vezes significam - entraves poderosos ao direito de informar e se informar.

No extremo, temos o exemplo da violência dos cartéis de droga que impõe uma lei de silêncio ao assunto. A jornalista mexicana

Sanjuana Martinez, do diário La Jornada, batizou-a de “narcocensura”. “Muitas vezes silenciar é requisito para sobreviver”, declarou.

O caso da jornalista Sanjuana Martinez é emblemático. Autora de três livros sobre pedofilia na igreja católica mexicana, ela sofreu todo tipo de ameaças, perdeu o emprego e ficou anos sem conseguir publicar a sua história por conta das pressões locais da igreja. “Quando fiz a primeira série de entrevistas, não tive problemas, mas depois, quando tentei dar continuidade à história, não consegui mais

nada. Este é o risco de cobrir a pedofilia clerical num país praticamente todo católico. Somente agora, com vários casos no Vaticano, disseram que eu tinha razão”, conta.

Em um dos livros, que quase foi censurado, Sanjuana conta a história de um cardeal que violentou sexualmente mais de 100 crianças no México e nos Estados Unidos. E, quando foi acusado no México, mudou de país. Para ela, seria fundamental que a investigação jornalística tivesse continuidade no país vizinho. “A pedofilia é um crime contra a humanidade e acontece em todo o mundo.

Mas a impunidade é frequente. Depois de séculos de abusos de crianças, os padres nunca foram levados à Justiça e mudam de países para fugir da responsabilização”, relata.

Entre formas mais sutis, mas não menos eficientes de silenciar um assunto, Lukas Hässig, jornalista da Suíça, citou as dificuldades enfrentadas na apuração e divulgação da sua investigação sobre os problemas financeiros do UBS, um dos maiores bancos do mundo, com sede em Zurique. “Nenhum grande jornal suíço investigou as falhas no UBS”, disse Hässig.

Ligações entre pessoas com cargos importantes no banco e na imprensa local impediram que o assunto fosse amplamente abordado, relatou o jornalista.

Na mesma linha de raciocínio, João Paulo Charleaux, editor assistente do caderno de internacional do jornal O Estado de S. Paulo lembrou que questões econômicas impõem limitações importantes no bom desempenho do jornalismo investigativo. Por exemplo, disse ele, dificuldades financeiras e logísticas contribuíram para que a cobertura da mídia brasileira sobre o Haiti fosse baseada numa visão militar. “Temos um olhar distorcido de como as coisas acontecem lá. Os jornais são incapazes de ‘cobrir’ o Haiti com as próprias pernas. A maioria que foi ao Haiti foi com apoio do Exército, que limitava a mobilidade dos jornalistas e dificultava a apuração de casos como abuso de poder e autoridade”, explica.

A repórter indiana Ritu Sarin, do “The Indian Express”, lembrou outro aspecto, não menos importante.

Segundo conta, ela dispôs de recursos para viajar dentro do país e ir até a região da Cashemira, onde milhares de pessoas já morreram no conflito separatista.

No entanto, a independência de suas investigações ficou comprometida pela ação de outros jornalistas que estabeleceram conexões com os grupos militares e pró-independência, ultrapassando a fronteira indiana. “É preciso debater até onde os jornalistas devem ir”, analisa, numa avaliação sobre a geografia e, sobretudo, sobre a ética.

Essa reflexão levanta um outro lado do problema. Exercido quase sempre em terreno minado e volátil, o jornalismo investigativo não tem que se haver apenas com ameaças e intimidações externas, que podem chegar à violência física e à eliminação do ‘problema’. A postura interna, o comportamento do profissional em relação à ética é tão importante quanto. E, neste caso, funciona como o termômetro da saúde dos “olhos” da nação, como queria o velho Ruy.



Different types of censorships: Political, Financial, Economic and Geographical

The issue of press censorship and its counterpart, freedom of press, is very sensitive. As highlighted by the speakers, censorship does not relate solely to the government's action (or reaction). Advertisers, communications firms themselves and lobbying of various types may also mean - and often are - powerful barriers to the right to inform and be informed.

At the extreme, there is the violence of drug cartels that imposes a code of silence on the subject. Sanjuana Martinez, a Mexican journalist from the daily *La Jornada*, christened it "narco-censorship." Silence is often a requirement for survival", she said.

The case of Sanjuana Martinez is an emblematic one. Author of three books on pedophilia in the Catholic church in Mexico, she has suffered all kinds of threats, lost her job and spent years unable to publish her story because of pressure from the local church. "When I did the first series of interviews, there were no problems, but after when I tried to continue the story, I could not anymore. This is the risk of investigating clerical pedophilia in a predominantly Catholic country". Only now, with several cases in the Vatican, they said I was right", she says.

In one of her books, which was almost censored, Sanjuana tells the story of a cardinal

who sexually abused more than 100 children in Mexico and in the United States. After being accused in Mexico, he moved to another country. She thinks it would have been crucial to continue the journalistic investigation in the other country. "Pedophilia is a crime against humanity and it happens all over the world. But impunity is rife. After centuries of abuse

of children, the priests were never brought to justice and keep moving abroad to escape from the charges", she reports.

Among other more subtle but no less efficient way of silencing a subject, Lukas Hassig, a journalist from Switzerland, cited the difficulties found during his investigation into the financial problems of UBS, one of the largest banks in the world headquartered in Zurich. "No major Swiss newspapers investigated the failures at UBS," said Hassig. "Links between people in important positions in the bank and local press prevented a wide discussion of the case", he reported.

In the same line, João Paulo Charleaux, assistant editor of the international section of the newspaper *O Estado de S. Paulo* noted that economic issues impose significant limitations on the performance of investigative journalism. For example, he said, logistical and financial difficulties contributed to the Brazilian media coverage on Haiti to be based on a military perspective. "We have a distorted look of how things happen there. Newspapers are unable to 'cover' Haiti independently. Most of them went to Haiti with the Army's support, which limited the journalist's mobility and hindered the investigation of cases such as abuse of power

and authority", he explains.

Ritu Sarin, reporter of *The Indian Express*, noted another aspect, no less important. According to her testimonial, she had available resources to travel within the country and go to the region of Kashmir, where thousands of people have died due to the separatist conflict. However, the independence of her investigation has been compromised by the action of other journalists who have established connections with military and pro-independence groups, beyond the Indian border. "We need to discuss how far journalists should go" she says, in an evaluation of geography and especially of ethics.

This discussion raises another part of the problem. Often exercised in a mined and volatile land, investigative journalism has to deal not only with external threats and intimidation, which can result in physical violence and the elimination of the 'problem'. The professional behaviour in relation to ethics is just as important. And in this case, acts as the health indicator of the "eyes" of the Nation, as wished by old Ruy.



CORRUPÇÃO, MÍDIA E MERCADO

“Mostramos sempre a corrupção pelo poder público, mas quem é o corruptor? Essa pergunta fica sempre sem resposta, porque mexe com setores econômicos poderosos, muitas vezes anunciantes do jornal. A independência financeira é algo para se pensar porque o jornalismo investigativo é caro, demorado e muitas vezes não gera algo para ser publicado”, lembra Maurício Hashizume, da organização Repórter Brasil, que trabalha com reportagens importantes no mapeamento do trabalho escravo no país.

Luis Nassif, da Agência Dinheiro Vivo, vai além. Em sua opinião, o jornalismo investigativo no Brasil virou um jornalismo de dossiês pagos para atender a interesses políticos e comerciais. Nas palavras dele, a denúncia foi banalizada a tal ponto que se tornou, muitas vezes, a “escandalização do nada”. “O jornalismo de Brasília se alimenta exclusivamente de lobistas, é um jornalismo de chantagem, enviesado, mentiroso e utilitarista. A velha mídia pega um escândalo qualquer, consistente ou

fabricado, e demoniza as pessoas para se legitimar. Os personagens são apresentados como vampiros que tem que ser mortos pela mídia”, diz Nassif.

O sistema midiático tem ainda outros problemas de fundo a solucionar. Entre eles, a busca “insaciável” pelo lucro e geração de capital. “Estamos sob tanta pressão para “alimentar as feras” 24 horas por dia que perdemos as ferramentas necessárias para refletir sobre o que reportamos e as consequências disso. A pressão é tanta que às vezes não pensamos na democracia. Quando Bush decidiu invadir o Iraque, dizendo que havia armas de destruição em massa no país, a mídia comprou essa ideia e legitimou a invasão”, lembrou o marroquino Abderrahim Foukara, chefe do canal árabe Al Jazeera nos Estados Unidos. “Vemos mais geração de dinheiro do que produção de informação para o cidadão. Não estamos evoluindo com esse tipo de imprensa”, critica.

Corruption, media & markets

We tend to see corruption by the government, but who is the corrupter? This question always remains unanswered, because it involves powerful economic sectors, often newspaper advertisers. Financial independence is something to think about, since investigative journalism is expensive, time consuming and often does not generate anything to be published”, says Maurício Hashizume from Repórter Brasil organisation, which has an important work in the mapping of slave labour in Brazil.

Luis Nassif from Dinheiro Vivo news agency goes even further. In his opinion, investigative journalism in Brazil had become a paid journalism whereby dossiers are requested to meet political and commercial interests. In his words, complaints have been trivialized to the point they have created, many times, “a scandal with no real reason behind it”. “Journalism in Brasilia feeds exclusively off lobbying; it is utilitarian and consists of blackmail, bias and untruths. The traditional conservative media takes a scandal, either consistent or fabricated,

and demonizes people to legitimize themselves. The characters are presented as vampires who must be killed by the media”, says Nassif.

The media have other fundamental problems to solve. Among these problems is the “insatiable” search for profits. “We are under so much pressure to “feed the beasts” 24 hours a day that we lost the necessary tools to reflect on what we reported and its consequences. Such is the pressure that sometimes we do not even consider democracy. When Bush decided to invade Iraq, saying there were weapons of mass destruction in the country, the media bought the idea and legitimized the invasion”, said the Moroccan Abderrahim Foukara, head of Al Jazeera channel in the United States. “We see [the media] serving more private interests than producing useful information to citizens. We are not progressing with this kind of press”, he criticizes.

PERSPECTIVAS PARA A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

A abordagem de questões como lavagem de dinheiro, pedofilia internacional, tráfico de drogas e de pessoas, pobreza, mudanças climáticas, trabalho escravo requer a colaboração entre diversos atores em diversos países. A dimensão da cooperação internacional para o jornalismo investigativo precisa estar na agenda de trabalho dos jornalistas e diferentes profissionais da área.

Os obstáculos na cobertura de vários temas, acredita Maurício Hashizume, poderiam ser mais facilmente superados com parcerias internacionais estratégicas entre os veículos e também com o apoio financeiro e logístico dos organismos multilaterais. “O intercâmbio Sul-Sul tem que ir além dos mercados. Temos um fluxo intenso dos negócios e pouco fluxo das experiências da sociedade civil e da imprensa. É preciso acompanhar o ritmo

dessas relações”, acrescenta o diretor do Repórter Brasil.

Nos casos em que as dificuldades internas se acumulam de modo a impossibilitar a realização de investigações responsáveis e abrangentes, o apoio de organismos multilaterais foi considerado fundamental e necessário para a superação das barreiras políticas e econômicas locais. “Organizações como a Unesco, o PNUD, a ONU como um todo deveria repensar a questão do fluxo de informações que circula pelo planeta a partir de uma perspectiva de cidadania”, afirmou o professor Luiz Martins da Silva, da Universidade de Brasília (UnB). “Esses organismos têm condições de fazer um agendamento de questões centrais de forma supranacional, sob uma perspectiva do diálogo Sul-Sul” acredita.

Perspectives for international cooperation

Addressing issues such as money laundering, international pedophilia, drug and people trafficking, poverty, climate change, and slavery requires collaboration among different actors in different countries. The dimension of international cooperation for investigative journalism must be on the work agenda of journalists and various professionals.

Maurício Hashizume believes the obstacles in the coverage of various topics could be more easily overcome with strategic international partnerships between vehicles and also with the financial and logistical support of multilateral organizations. “The South-South exchanges must go beyond the markets. We have a heavy flow of business and flow of little experiences of civil society and media. We must keep up those relationships,” adds the director of the Repórter Brasil.

In the cases where internal difficulties accumulate in a way that preclude the conduction of responsible and comprehensive investigations, the support of multilateral organizations was considered essential and necessary to overcome the local political and economical barriers. “Organizations like UNESCO, UNDP and the UN as a whole should rethink the question of the flow of information that circulates around the planet from a perspective of citizenship,” stated Professor Luiz Martins da Silva, from the University of Brasília (UnB). “These organizations are able to bring up central issues in a supranational way, under a South-South dialogue perspective” believes the Professor.



ANEXO:

.....

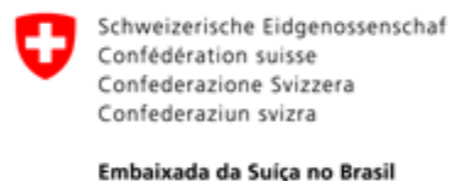
Seminário Internacional sobre Jornalismo Investigativo: Um Diálogo Sul-Sul

Data: 22 de novembro de 2010

Local: Procuradoria Geral da República (PGR), São Paulo, Brasil

Website: <http://south-south.ipc-undp.org/investigative-journalism>

Instituições organizadoras:



Annex:

.....

International Workshop on Investigative Journalism: A South-South Dialogue

Date: 22 November 2010

Venue: Attorney's General Office (PGR), São Paulo, Brazil

Website: <http://south-south.ipc-undp.org/investigative-journalism>

Organizing Institutions:



AGENDA:

.....

08:00 – 09:00 Credenciamento

09:00 – 09:30 Cerimônia de Abertura

Wilhelm Meier – Embaixador da Suíça no Brasil**Edson de Almeida – Subprocurador-Geral da República****Luiza Frischeisen – Procuradora-Chefe da Procuradoria Regional da República na 3ª Região****Jorge Chediek – Representante-Residente do PNUD e Coordenador-Residente do Sistema Nações Unidas no Brasil****Peter Fischer-Bollin – Fundação Konrad Adenauer**

09:30 – 11:00 Papel e responsabilidades do jornalismo investigativo

Questões:

- O jornalismo é realmente investigativo nos países em desenvolvimento?
- Quais são os principais desafios enfrentados pelos jornalistas na cobertura de assuntos delicados?
- Como pode o jornalismo investigativo promover uma maior responsabilização dos programas de governo?
- Os direitos humanos estão sendo promovidos pela mídia?
- Qual é o papel real e potencial do jornalismo cívico na capacitação dos grupos vulneráveis?

Palestrantes:

Guilherme Canela – UNESCO**João Paulo Charleaux – “O Estado de São Paulo” – Editor-Assistente Internacional****Lukas Hässig (Suíça) – Jornalista Investigativo****Patrice Schneider (Suíça) – Media Development Loan Fund****Sanjuana Martinez (México) – “La Jornada” – Escritora e Jornalista****Agenda:**

.....

08:00 – 09:00 Registration

09:00 – 09:30 Opening Ceremony

Wilhelm Meier – Swiss Ambassador in Brazil**Edson de Almeida – Deputy-Attorney General of the Republic****Luiza Frischeisen – Chief-Attorney Regional Attorney Office 3rd Region****Jorge Chediek – UNDP’s Resident Representative and UN Resident Coordinator in Brazil****Peter Fischer-Bollin – Konrad Adenauer Foundation**

09:30 – 11:00 Roles and Responsibilities of Investigative Journalism

Topics:

- *Is journalism actually investigative in developing countries?*
- *What are the main challenges faced by journalists in covering sensitive issues?*
- *How can investigative journalism promote better accountability of government programmes?*
- *Is the media promoting Human Rights?*
- *What are the real and potential role of civic journalism in the empowerment of vulnerable groups?*

Speakers:

Guilherme Canela – UNESCO**João Paulo Charleaux – “O Estado de São Paulo” – International Editor-Assistant.****Lukas Hässig (Switzerland) – Investigative Journalist****Patrice Schneider (Switzerland) – Media Development Loan Fund****Sanjuana Martinez (Mexico) – “La Jornada” – Writer and Journalist**

11:15 – 12:45 Governança, aspectos jurídicos e liberdade de expressão

Questões:

- Quais são as principais ameaças à liberdade de expressão?
- O jornalismo investigativo está ajudando a garantir a liberdade de expressão?
- Quais são as estruturas de governança necessárias para reforçar a proteção dos jornalistas investigativos?
- Concentração e monopólio dos canais de mídia no mundo em desenvolvimento restringem o jornalismo investigativo?

Palestrantes:

Marcelo Moscoliato – Procurador Regional da República

José Marcos Lunardelli – Desembargador Federal

Ophir Cavalcante – Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

Ritu Sarin (Índia) – “The Indian Express” – Chief of Investigative Bureau

Claudio Tognolli – Universidade de São Paulo (USP), Revista “Consultor Jurídico”

14:00 – 15:30 Diálogo Sul-Sul: oportunidades e ameaças

Questões:

- Quais são as melhores práticas encontradas na promoção do jornalismo investigativo em diferentes países do Sul?
- Jornalismo investigativo contribui para o diálogo político entre tomadores de decisão nos países em desenvolvimento?
- O Crescimento Inclusivo e o Desenvolvimento Humano estão sendo incluídos na agenda do jornalismo investigativo?
- Como pode a mídia beneficiar das crescentes alianças entre as poderosas economias emergentes?

Palestrantes:

Maurício Hashizume – “Repórter Brasil”

César Tralli – TV Globo – Jornalista, Repórter, Apresentador

Ritu Sarin (Índia) – “The Indian Express” – Chief of Investigative Bureau

Sanjuana Martinez (México) – “La Jornada” – Escritora e Jornalista

Makhudu Sefara (África do Sul) – “The Sunday Independent” – Editor

11:15 – 12:45 Governance, legal aspects and freedom of expression

Topics:

- What are the main threats to freedom of expression?
- Is investigative journalism helping to guarantee freedom of expression?
- What are the necessary governance structures required to enhance protection for investigative journalists?
- Does the concentration and monopoly of media channels in the developing world constrain investigative journalism?

Speakers:

Marcelo Moscoliato – Attorney-regional of the Republic

José Marcos Lunardelli – Federal Court of Justice

Ophir Cavalcante – President of the Brazil’s Bar Association (OAB)

Ritu Sarin (India) – “The Indian Express” – Chief of Investigative Bureau

Claudio Tognolli – University of São Paulo (USP), “Consultor Jurídico” Magazine

14:00 – 15:30 South-South Dialogue: opportunities and threats

Topics:

- What are the best practices found in the promotion of investigative journalism in different countries of the South?
- Does investigative journalism contribute to the political dialogue between decision makers from developing countries?
- Are Inclusive Growth and Human Development being included in the investigative journalism agenda?
- How can the media benefit from growing alliances between powerful emerging economies?

Speakers:

Maurício Hashizume – “Repórter Brasil”

César Tralli – TV Globo – Journalist, Reporter, Presenter

Ritu Sarin (India) – “The Indian Express” – Chief of Investigative Bureau

Sanjuana Martinez (Mexico) – “La Jornada” – Writer and Journalist

Makhudu Sefara (South Africa) – “The Sunday Independent” – Editor

15:45 – 18:15 Para onde vamos?

Questões:

- Como fortalecer o diálogo e a colaboração entre jornalistas de investigação nos países em desenvolvimento?
- Como podem os novos instrumentos de mídia contribuir para um melhor jornalismo?
- Como coordenar melhor as intervenções políticas para garantir a liberdade de expressão?
- Os Poderes Judiciário, Executivo e Legislativo estão trabalhando para os mesmos fins?

Palestrantes:

Rathin Roy – Diretor do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (CIP-CI) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

Abderrahim Foukara (Marrocos) – Al Jazeera Channel – Washington DC Bureau Chief

Luis Nassif – Agência Dinheiro Vivo – Diretor Superintendente

Luiz Martins da Silva – Universidade de Brasília (UnB) – Professor de Jornalismo

Paulo Totti - Valor Econômico



15:45 – 18:15 Where do we go?

Topics:

- *How can the dialogue and collaboration between investigative journalists in developing countries be strengthened?*
- *How can new media instruments contribute to better journalism?*
- *How to better coordinate political interventions to guarantee freedom of expression.*
- *Are the Judiciary, Legislative and Executive Powers working towards the same goals?*

Speakers:

Rathin Roy – Director of the International Policy Centre for Inclusive Growth (IPC-IG) of the United Nations Development Program (UNDP)

Abderrahim Foukara (Morocco) – Al Jazeera Channel – Washington DC Bureau Chief

Luis Nassif – Agência Dinheiro Vivo – Superintendent Director

Luiz Martins da Silva – University of Brasília (UnB) – Journalism Professor

Paulo Totti - Valor Econômico



“SE É JORNALISMO, TEM DE SER INVESTIGATIVO”

Revista Imprensa/Portal UOL, 23/11/2010

Por Luiz Gustavo Pacete/Redação Revista IMPRENSA

A sede do Ministério Público Federal em São Paulo (MPF-SP) foi palco nesta segunda (22/11) do “Seminário Internacional de Jornalismo Investigativo: Diálogos Sul - Sul”. No evento foram debatidos os conceitos desta modalidade de jornalismo e repórteres do Brasil, Suíça, México, Índia e Marrocos falaram de suas experiências na área.

Para o embaixador da Suíça no Brasil, Wilhelm Méier “o jornalismo investigativo é fundamental na sociedade e tem como pedra fundamental a liberdade de expressão”. Entre as inúmeras provocações do debate, esteve o questionamento sobre a definição do termo “jornalismo investigativo”. Tal nomenclatura não seria uma redundância já que o jornalismo deve ser investigativo? Essa dúvida foi levantada pelo jornalista suíço Lukas Hassig que também ressaltou que em seu país o termo jornalista já é suficiente para identificar um profissional investigativo. “Na Suíça não existe esta distinção, se somos jornalistas, somos jornalistas investigativos”, disse.

Luiza Frischeisen, procuradora-chefe da Procuradoria Regional da República apontou a importância e a parceria entre o Ministério Público e a imprensa, mas destacou os limites desta relação. “A responsabilidade prevista nas matérias não deve ser confundida com censura. Os dados devem ser divulgados com a maior honestidade possível. Vemos casos recentes de investigação como o Banco Panamericano, as agressões contra homossexuais e a divulgação sobre o Iraque do site Wikileaks em que o trabalho dos jornalistas é fundamental”. Para Luiza a mídia tem papel fundamental na sociedade quando desempenha sua função de forma séria.

Financiamento de jornalistas

Outro tema discutido foi o financiamento de trabalhos investigativos. Muitos destes profissionais sofrem com a dependência financeira, o que impede a eficiência deste tipo de trabalho. Patrice Schneider, diretor do Media Development Loan Fund - MDLF, entidade que patrocina jornalistas investigativos ao redor do mundo, destacou a importância de um profissional ter independência financeira. “Além da ameaça dos governos e a perseguição, temos um ponto preocupante que é a falta de independência financeira destes jornalistas. Tentamos buscar em vários lugares do mundo jornalistas que possam ser financiados, mas não interferimos no conteúdo editorial”.

“If it is journalism, it must be investigative”

Revista Imprensa/Portal UOL 23/11/2010

By Luiz Gustavo Pacet / Revista Imprensa/Portal UOL

The headquarters of the Federal Public Ministry in São Paulo (SP-MPF) hosted on Monday (22/11) the “International Workshop on Investigative Journalism: A South – South Dialogue”. The event aimed to discuss the concepts of this type of journalism and journalists from Brazil, Switzerland, Mexico, Morocco and India spoke about their experiences in the area.

For the Swiss ambassador to Brazil, Wilhelm Meier “investigative journalism is vital for the progress of the society and is the cornerstone of freedom of expression”. Among the many issues raised by the debate, the central question was on the definition of “investigative journalism”. Such classification would not be a redundancy since all journalism should be investigative? This doubt was raised by Swiss journalist Lukas Hassig. He also stressed that in his country the term journalist is enough to identify a professional investigative. “In Switzerland there is no such distinction, if we are journalists, we are investigative journalists,” he said.

Luiza Frischeisen, chief attorney of the Attorney General of Brazil pointed out the importance and the partnership between prosecutors and the press, but stressed the limits of this relationship. “The liability provided for in the field should not be confused with censorship. The data should be disseminated as honestly as possible. We have seen recent cases of investigation such as Banco Panamericano, attacks against homosexuals and Wikileaks disclosure on Iraq files where the work of journalists was essential.” For Luiza, media plays a fundamental role in society when performing its role seriously.

Funding for journalists

Another topic discussed was the funding of investigative work. Many of these professionals suffer from financial dependence, which undermines the work efficiency. Patrice Schneider, Director of the Media Development Loan Fund - MDLF, an organization that sponsors investigative journalists around the world, stressed the importance of a professional financial independence. “Besides the threat of government and many kinds of persecution, another concern is the lack of financial independence of journalists. We try to find in several places in the world journalists that can be financed, but we do not interfere in editorial content.”

João Paulo Charleaux, editor assistente de internacional de O Estado de S. Paulo apontou também a dependência logística de muitos veículos na cobertura em lugares específicos. “A nossa cobertura do Haiti está baseada na visão militar. Temos um olhar distorcido de como as coisas acontecem ali. Os jornais são incapazes de cobrir o Haiti com as próprias pernas. A maioria dos jornais que foi ao Haiti foi de carona com o exército”, conta ele.

O “Seminário Internacional de Jornalismo Investigativo: Diálogos Sul - Sul”, foi realizado pela Embaixada da Suíça no Brasil, pelo Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, pela Procuradoria Geral da República e pela entidade alemã Konrad Adenauer Stiftung, com apoio do Mercado Ético.

João Paulo Charleaux, assistant editor for international affairs of Folha de São Paulo newspaper, also showed the dependence of many logistics vehicles in covering specific contexts. “Our coverage of Haiti is based on the military view. We have a distorted look of how things happen there. Newspapers are unable to cover Haiti by themselves. Most newspapers that went to Haiti were guided by the army” he says.

The International Workshop on Investigative Journalism: A South – South Dialogue” was held by the Embassy of Switzerland in Brazil, the International Policy Center for Inclusive Growth (IPC-IG), the Attorney General’s Office and the German Konrad Adenauer Stiftung Foundation, with the support of the Mercado Ético NGO.

